

## SOBRE COMO SURTIU O CAFÉ COM AÇÚCAR<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** O cenário eternamente repetido; o narrador, também, eternamente respondido – culto e impessoal. Esse conto não é uma tentativa de dismantlar os estereótipos e nem mesmo os dá de exemplo. O conto não instiga discussões, mas é entretenimento. O resto é culpa do leitor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Café; Escravidão; Teoria; Racismo.

**ABSTRACT:** The scenario eternally repeated; the narrator, also, eternally replied – cult and impersonal. This tale is not an attempt to dismantle stereotypes or even give them as examples. The tale does not instigate discussions, but is only entertainment. What remains is reader's fault.

**KEYWORDS:** Coffee; Slavery; Theory; Racism.

Via de cima e sobre tal não há discussão, pois digo eu que sou narrador deste conto e autoridade de irrevogável cargo. Antes mesmo que falem de seus modernismos e assassínios autorais, que contestem os justos de leitor maciço, crasso em teorias da boa e nobre literatura, aviso que o conteto corre pra lá dos 20, em tempos de café e outros pretos mais bípedes que, salvo a cor, seriam gente. E que corzinha mirrada, tão coisa ruim e tanta! Mas espera, leitor, que já tardo em lhe entregar o contexto do protagonista, apesar da primeira tríade ser referente ao próprio. Vai ela mesmo, repetida e transviada, que já vínhamos caminhando umas linhazinhas de discussão temática, e você, que desde lá vem aguardando minha deixa, pode finalmente expiar o meu velório e enterrar o defunto: salve a morte do autor! Eu, leitor, reinterpreto as frases como quero. Deixemos dos remoques da vida, entretanto, e suportemos a triste simbiose a que somos submetidos nessa relação tão cuidadosamente impessoal, que garanto meu pãozinho através das lacunas.

Para quem via de cima, era um menino baixo de igualmente baixa janela sobre uma não silente cama mediana. Se falhava em estatura, contava ser larga o bastante para caber um pretinho acomodado, ainda que isso jamais viesse a acontecer. O

---

<sup>1</sup> **Autoria:** Gabriel Esteves

único preto já dotado de igual destino fatídico era uma aranha vilosa que marginalizava as janelas irremissivelmente brancas. Maldito dia e mais gris, dona aranha! Mal mexia as pernas e vinha lá de tão longe para, quem sabe, sentir como era olhar do segundo piso. Coitada, nem as moscas pairavam tão ilustres. Desceu tão rápido que se a alma fosse vetorizada pela força do sapato, calçaria os pés do capeta. Era falsa bravura descomunal, aquele menino. Tão ligeiro vinha o sapato no punho pra dornar o bicho, que bastava um moinho e um Cervantes para garantir glórias abissais. E veja bem, leitor, que essa tampouco seria uma passagem relevante, não fosse para disseminar minhas doutrinas tão evidentes. Atribua às metáforas o que quiser, mas cá assumo um jovem motivo para pequenos feitos contados: entretenimento. E não creia ser arquivado, você, que entretenho minha personagem tão criança e tão mais jovem! Vais tu, de bonde, numa carona sortuda, que fosse leitor nessas linhas um caçador de morais, conduziria adiante para saltar uma ou duas páginas (essa narrativa não contará mais de mão), mesmo intimando o demasiado desgosto d'apear umas reflexões tão pertinentes ao conto. Quiçá fosse eu mesmo num dia tão importante, diante de tamanha reviravolta conseguinte! Mas deixo de contar os futuros antes dos presentes, que ainda hão de vir dar a alegria de seus pacotes.

Fosse antes do baque ou o silêncio que tão naturalmente invadiu o mundo, um preto de geometria maior e dotes inimagináveis vinha já estando nuns cantos amaldiçoados. Era o quarto todo ecoando as crias dum dia mais nublado que o casarão jamais há de ver, além da ilustre infiltração de anos. As paredes do quartinho eram sombra e mofo, respectivamente, porém não obstante ao fato relevantíssimo da sobreposição de primeiros. Temeu ainda que viesse um terceiro preto vivo e adulate, cesariano negreiro de todo pretume. Podia ser Saci, moleque do pastoreiro, fosse que fosse. Gritaria o pai: *É tudo preto, coisa ruim que nem café.*

## **O MENINO ALUMIA AS NEGRURAS E PARE MAIS UMA TEORIA MARAVILHOSA**

Não se engane, leitor, os letrados são mostra de magnificência tamanho é o esplendor das descobertas, mesmo que ínfimas perto desta. Quisera eu que nossos papéis fossem imbuídos e as letras corressem seringueira, que assim o título vinha

inquestionável e bem digno, mas vai assim mesmo que o comunicado é semântico.

Não veio Saci nenhum, tampouco pastoreiro; deus me livre, esse continho é paulista. Brotou foi uma ideia mosaica e, enquanto a sombra ficou lá de mofo acompanhado, foi o guri contar degrau para prosa. Ponderava que o preto fosse termo de classificar coisa toda, que já assistia às estranhezas e ateísmos da cor, além de bem saber do contraste recíproco, como manda qualquer lei básica do pragmatismo infantil. Sabia da luz, do sal, do açúcar e doutros tão arianos que eram inigualavelmente sobranceiros. Que seria melhor que aquilo? O ego inflado pelo assassinato recente não só respondia às questões, mas criava diálogos elaboradíssimos e tomava conclusões apenas dignas de divulgação científica.

Uns instantes estivera por analisar tudo, mas ocasionalmente entrou na cozinha. Não bastaria uma descrição qualquer, digníssimo leitor, mas esse era um imenso cômodo de irônica e pouca comodidade. Tardou lá seus cinco minutinhos para que o protagonista encontrasse a mulatinha tão fundamental para o desenrolar desta narrativa. Não viso surpreendê-lo em qualquer instância, amigo, senão pela própria agudez dos meus contos. Já aviso que o pavimento vai raso e, por tal, segue sem medo. Dirige junto aquele presente anunciado antes do tempo. Te alegra, leitor amigo, que já vinha preparando tua condição tão aquém. Tornemos. Reato que era mulata e velha e que descascava batatas e mantinha o feijão no fogo, este último subalternamente preparado para servir ao franzino assinho. Meteu-lhe os olhos e veja, tinha muita coragem, essa pretinha:

– Olha quem é que aparece, sinhô Pedrinho, quéis o que, é?

As batatas não iam mal, pastavam fundamentalmente brancas. Foi indo silêncio e criança e tomou uma do cesto. Ai, batata mal corada! O fruto é a cor e meu coração que esteja branco! Que como tu estejas! Que como tu! Ó fome, quando é que eu como? E eu que sou narrador e transito mais que o verbo, faço menção à pessoa que escreveu isso, pois sou precavido e não me venhas dizer plagiador; o Pedrinho também era gente, que é tudo a mesma coisa.

– Mas deixa isso, piá; 'tá cru! Ó o cafezím que já vem, quase lá.

Sombroso demo! Definido por suas características imutáveis, abomino o café e seus filhos e netos tão pretos que só

eles estejam longe de minha mesa na manhã! Mulher, quero é um melão.

– Melão findô, sinhô. Vai as uva que sua mãe mandôcolhê? Verdes?

– Roxas.

Abomino-as! Não! A negra – e apenas negra cabe apelidá-la, que nomes economizei por todo canto – já imaginava o gênio do menino. Boba não era e já hei de contar-lhe a tremenda função que desempenhou.

– E berinjela, sinhô? Veio de fora.

Berinjelas? Estão em que cor? Eu, autor, que não sou especialista em berinjelas, digo que essas eram excepcionalmente brancas como nunca se viu em toda a boa nação brasileira, mas se tu, caro amigo, nunca botou olhos numa dessas, te aquieta que fazes pouco e nem me esforço em relatar como são, que então o descritivismo passa longe. Ai, leitorzinho, que vida mansa levas. Platão que esteja cá de viagem para criticar as licenças de criação ignorante, que essas tomo de bom grado e passo adiante. Se berinjelas tão pálidas nunca existiram, hei de assustá-las até que pasmem e estejam cadavéricas. Fato é que a negrinha esteve para corrigir o rapazote sem dar segundas explicações. Saltou para o crime tão larga e cortou os negrumes tão atazanada que pincharam branquinhos na tábua salgada. Relato uma última vez que eram as mais brancas berinjelas já arquitetadas pela mente de um escritor, e se vêm outras contestar o título, saibam que não são brancas como essas. Pedro concordava que fossem excepcionalmente pálidas – na verdade, nunca antes havia visto coisa mais pura. Abocanhou o que lhe coube entre as bochechas, maravilhado.

### **A NEGRINHA FINDA A ARTIMANHA E DESMANTELA UMA TEORIA MARAVILHOSA**

Dou por último quinhão esse textinho embaixo do título. Atuemos depressa para enterrar o morto, que, logo terminado esse continho, defunto. Enquanto ia o pedaço mais derradeiro, a serviçal armava o golpe. Pulemos essa parte que já vem o fim, e é convencionalidade genuína que aligeiremos a curva para cerrar um funilzinho. A tinta do escritor é aguaceiro que não acaba mais; só percebe que acabou quando o funil decide mirrar, e os versos vão se apinhando mudos.

Pois logo salto de parágrafo para fantasiar uma alteração focal e retomar a prosa, mas bem sabes que o escritor é um só e falo do que quero. Vá que já deu. Prossigo na ocasião mais fatídica: ia o piá terminando as iguarias quando deu de olhos na mulher cortando mais berinjela, e aí, querido leitor, foi tropel dum homem só. Essa desgraça é mais preta que café! O diabo me tentou, meu deus! E formigava o corpo e subia aquela vermelhidão que jurou explodir, mas não foi. Ai, que coisa mais gostosa, essa berinjela! E não podia, meu deus, que a teoria é santa e santo não se trai. Pretinha mais desgraçada! Essa cabeça era coisa de branco, que ideia assim um preto nunca teve. Vai que a menina tinha a carne toda albina? E se fosse berinjela, também? Não me venha com erotismos, leitor, que já passo farto e o menino cursa uns oito anos. Deixa a fome pros Fernandos que a curiosidade dos Pedros é outra. Vinha cogitando uma coisa: esse café na mão da mulata, será que é bom? Se fosse com açúcar, até que ia...

*Verão de 2009*

*Primavera de 2013*